

**A ELABORAÇÃO DO MODELO DIDÁTICO DO GÊNERO ARTIGO DE OPINIÃO:
FERRAMENTA PARA A TRANSPOSIÇÃO DIDÁTICA**

**THE ELABORATION OF THE GENDER DIDACTIC MODEL ARTICLE OF
OPINION: TOOL FOR DIDACTIC TRANSPOSITION**

Liliane Pereira*

Ana Lúcia de Campos Almeida**

RESUMO: O objeto de ensino-aprendizagem que centraliza a nossa investigação é uma prática discursiva da esfera ideológica do jornalismo impresso, (re)conhecida pelos experts do jornalismo como “artigo opinativo” ou simplesmente “artigo”. Tal escolha deve-se às demandas sócio-culturais que impõem necessidade de reflexão, engajamento e participação em contextos sociais de expressão oral ou escrita. Este artigo, como parte de uma pesquisa maior, apresenta apenas a desconstrução e construção de um corpus constituído por um conjunto de artigos de opinião da Folha de Londrina, a fim de apontar as regularidades do gênero e construir conhecimentos prévios sobre ele. Para análise, adotaremos o modelo de análise proposto pelo Interacionismo Sóciodiscursivo (BRONCKART, 1999/2003, 2006, 2008).

PALAVRAS-CHAVE: Modelo didático, Artigo de opinião, Interacionismo Sociodiscursivo.

ABSTRACT: The aim of teaching and learning that focuses our investigation is a discursive practice on ideological matter of a print journalism known by the experts of journalism as "opinion article" or simply "article." This choice is due to socio-cultural demands that impose the need for reflection, engagement and participation in social contexts of speech or writing. This article, as part of a larger survey, presents only the

* Atualmente, professora da Universidade Norte do Paraná (UNOPAR), professora concursada de Língua portuguesa na rede pública de ensino, doutoranda em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina e trabalha com questões relacionadas ao ensino de Língua materna, ao letramento do professor e com a perspectiva teórica do Interacionismo Sociodiscursivo. Trabalhou como professora colaboradora da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR - Apucarana, 2015-2019). Mestre em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina. Especialista em Ensino de Língua Portuguesa pela Universidade Estadual de Londrina e Especialista em Ensino de Língua Estrangeira pela Universidade Estadual de Londrina. Atuou como estagiária de Língua espanhola no Laboratório de Línguas da Universidade Estadual de Londrina (2005). Trabalhou como professora de redação, interpretação e espanhol no CEPV - Curso Especial Pré- Vestibular, sendo previamente selecionada pela UEL, através do edital de instrutores bolsistas (2004 - 2011). E-mail: pereiralilianeunespar@gmail.com

** Doutora e Mestre em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP. Atualmente é docente do departamento de Letras Vernáculas e Clássicas da Universidade Estadual de Londrina – UEL. Contato: analucpos@gmail.com

DIÁLOGO E INTERAÇÃO

deconstruction and construction of a corpus constituted by a set of articles of opinion of Folha de Londrina, in order to point out the regularities of the genre and build prior knowledge about it. For analysis, we will adopt the analysis model proposed by of the Social-discursive Interactionism (BRONCKART, 1999/2003, 2006, 2008).

KEYWORDS: Didatic model, Opinion article, Social-discursive Interactionism.

1 Introdução

Nesta pesquisa, procuramos ressaltar a necessidade do professor estar familiarizado com os saberes a ensinar e a teoria que fundamenta esses saberes, visto que não há como provocar mudanças no ensino se o professor não estiver constantemente fazendo cursos e estudando. Segundo Gimenez (1998), é praticamente impossível construir uma prática pedagógica coerente, se o professor não refletir sobre ela, se não levantar questões problemáticas e não analisá-las à luz das teorias/estudos que possam fundamentá-las.

Neste artigo, por questão de espaço, pretendemos apresentar apenas um recorte de uma pesquisa maior realizada durante o Mestrado “Didatização do discurso argumentativo: a escrita como prática social no Ensino Fundamental”. Assim, o objetivo principal deste trabalho é analisar um corpus de textos do gênero artigo de opinião da Folha de Londrina, a fim de apontar a regularidades do gênero e construir conhecimentos prévios sobre eles. Para isso, adotaremos o modelo de análise proposto pelo Interacionismo Sócio-Discursivo (BRONCKART, 1999/2003, 2006, 2008) e traremos breves considerações sobre o que os especialistas apontam sobre o gênero e o contexto de produção.

O objeto de ensino-aprendizagem que centraliza a nossa investigação é uma prática discursiva da esfera ideológica do jornalismo impresso, (re)conhecida pelos experts do jornalismo como “artigo opinativo” ou simplesmente “artigo”, o que dá a eles o papel social reconhecido como “articulistas” de uma determinada empresa jornalística.

2 A importância do modelo didático

O modelo didático é um instrumento/ferramenta¹ didática que visa à organização dos saberes a serem internalizados pelo professor sobre uma prática discursiva de referência que será didatizada posteriormente.

O termo modelo didático surgiu em Genebra-Suíça, com a finalidade de contribuir com o trabalho docente e favorecer o ensino/aprendizagem, tanto na produção quanto na compreensão de textos em francês. Para o grupo de Genebra, o modelo didático tem a função de nortear as atividades em sala de aula, sendo que esse deve vir sempre antes do ensino aprendizagem de qualquer gênero.

De acordo com Pietro & Schneuwly (2003), o primeiro passo para venhamos ensinar um determinado objeto é por intermédio do modelo didático. Assim, esse último, conforme os mesmos autores mencionados, possui as seguintes características:

- a) uma dimensão praxeológica;
- b) uma força normativa;
- c) é o centro do processo de todo ensino e posterior aprendizagem;
- d) pode ser implícito/intuitivo ou explícito e conceitualizado;
- e) é o ponto de início e ponto de chegada do trabalho a ser realizado;
- f) é uma teoria mais genérica das atividades languageiras;
- g) é sempre o resultado de práticas de linguagem anteriores;
- h) permite, com base nas práticas sociais, produzir SDs;
- i) é o lugar de reflexões e práticas pedagógicas.

Machado e Cristóvão (2006) sustentam que os modelos didáticos dos gêneros são objetos descritivos e operacionais que, ao serem construídos, tendem a facilitar a

¹ Nascimento (2011) destaca a distinção proposta por Rabardel (1995) entre ferramenta/artefato e instrumento. Nas pesquisas da autora, sobretudo nas interpretações dos dados, o termo instrumento é utilizado quando a ferramenta foi apropriada pelo sujeito. A engenharia didática proposta pelo ISD centrada no ensino da língua por meio da apropriação de práticas languageiras/gêneros tem como foco a utilização de instrumentos/ferramentas didáticas para o desenvolvimento de capacidades, tanto do professor – como ator do processo de mediação formativa –, como dos alunos – no processo de apropriação de práticas de linguagem atualizadas sempre em algum gênero de texto.

apreensão da complexidade da aprendizagem de um dado gênero. Nesse sentido, para as autoras, o modelo permite visualizar as características do gênero em estudo/análise/ produção.

Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004) salientam que para a caracterização do gênero é fundamental a coleta de textos autênticos, os quais se constituem num corpus, que quanto mais ricos e variados mais a observação se estenderá a realizações diversas referentes aos gêneros trabalhados. Para os mesmos autores ainda, o modelo didático é o produtor de uma construção tripartite em interação e em evolução: princípio da legitimidade (referência aos saberes teóricos ou elaborados por especialistas); princípio da pertinência (refere-se às capacidades dos alunos, às finalidades e aos objetivos da escola, aos processos de ensino-aprendizagem); princípio da solidarização (tornar coerentes os saberes tendo em vista os objetivos visados).

Com base nisso, temos o que os autores genebrianos chamam de modelo didático do gênero, o produto de uma determinada construção, em que a base é a articulação dos três princípios descritos: legitimidade, pertinência e solidarização.

Para Machado e Cristóvão (2006) a construção de um modelo didático pode envolver a análise de um conjunto de textos pertencentes ao gênero, considerando os seguintes elementos: a) as características da situação de produção; b) os conteúdos típicos do gênero; c) as diferentes formas de mobilizar esses conteúdos; d) a construção composicional característica do gênero; e) o seu estilo particular (as configurações específicas de unidades de linguagem que se constituem como traços da posição enunciativa do enunciador; as sequências textuais e os tipos de discursos predominantes e subordinados que caracterizam o gênero; as características dos mecanismos de coesão nominal e verbal; as características dos mecanismos de conexão; as características dos períodos e as características lexicais).

As mesmas autoras salientam também que a construção de modelos didáticos abre a possibilidade da utilização de referências teóricas diversas, de diferentes estudos sobre o gênero ensinado.

Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004) sustentam que para se realizar um trabalho com sequências didáticas, os saberes a serem transpostos para a sala de aula devem

DIÁLOGO E INTERAÇÃO

estar fundamentado num modelo didático de gênero, a fim de apontar aspectos centrais a serem ensinados. Schneuwly (2005) discute a questão dizendo que o saber é fundamental para a aprendizagem, já que é visto como um saber útil, antes de ser transposto para a sala de aula. Os saberes, nesse sentido, não existem primeiramente para ser ensinados, mas para serem usados nas mais diversas situações.

Para Dolz e Scheneuwly (2004), ainda, a construção de um modelo didático constitui a explicitação de hipóteses sobre certos dados: resultados de aprendizagem expressos/esperados em documentos oficiais; conhecimentos linguísticos, como o funcionamento do gênero para os especialistas e psicólogos e, por último, a capacidade mostrada pelos estudantes.

Assim, a pesquisa sobre o gênero e a desconstrução analítica de um corpus do gênero, de acordo com a proposta de análise de Bronckart (2003), nos parece essencial para o trabalho didático que virá depois, tendo em vista que para nós o modelo didático precisa se sustentar a partir do tripé: desconstrução, descrição e indicação das dimensões ensináveis do gênero.

Bronckart (2003) defende que para um estudo eficaz é necessário termos conhecimentos prévios sobre os gêneros. Nesse sentido, justifica-se a análise de um conjunto de textos do mesmo gênero, ao mesmo tempo em que articula os três níveis do folhado textual de Bronckart (2003): as capacidades de ação, as capacidades discursivas e linguístico-discursivas.

A desconstrução de um corpus de textos, de um gênero em específico, vai propiciar a definição da atividade que ele configura, o contexto de produção em que emerge, os mecanismos discursivos (o que compreende o plano textual global, os tipos de discurso e os tipos de sequências); as formulações (conexão, coesão nominal, coesão verbal, gerenciamento das vozes, modalizações, seleção lexical, mecanismos de refutação, etc.) que são elementos necessários para que ocorra no aluno o desenvolvimento da sua capacidade de compreensão e produção dos textos.

No caso deste artigo, analisamos e descrevemos qualitativamente o nosso objeto de pesquisa – ações de linguagem realizada por um sujeito singular, tomando como corpus seis artigos opinativos do Jornal Folha de Londrina, a fim de atribuir-lhe significados.

DIÁLOGO E INTERAÇÃO

Para a elaboração do nosso modelo didático do gênero artigo de opinião, primeiramente, buscamos saberes não só da área da linguística, mas também do campo jornalístico – esfera social que emergem os textos analisados. Em seguida, levantamos hipóteses da situação mais imediata das ações de linguagem que investigamos, ou seja, propriedades dos mundos formais (físico, social e subjetivo) que exercem influências sobre a forma a produção do gênero artigo de opinião.

Conforme abordado anteriormente, o modelo didático e os demais procedimentos ligados a sua construção têm o propósito de subsidiar o ensino de línguas (materna e estrangeira) e o aprendizado do aluno com atividades destinadas ao desenvolvimento de capacidades para a produção, recepção e compreensão de determinados gêneros.

3 Consulta aos Especialistas do Gênero

O nosso interesse em abordar um gênero do argumentar, surgiu pela importância que a argumentação tem no nosso dia a dia. Numa era de informação global, em que comunicar está na base das relações pessoais e profissionais, estar familiarizado com os gêneros do discurso do argumentar virou um trunfo de mão dupla, pois implica não apenas cair na conversa de qualquer interlocutor, mas também possibilita às pessoas manifestarem um ponto de vista, opinar ou reclamar sobre um determinado assunto presente nas práticas discursivas que emergem nas esferas sociais.

No caso do artigo de opinião, ele é um gênero que toma posição em relação a uma questão polêmica, de relevância social. Nesse sentido, ao escrever um artigo de opinião, debatendo com determinada profundidade um assunto de interesse social, podemos participar de forma mais ativa da vida pública, exercendo, assim, nosso papel de cidadãos.

Seguindo o postulado de Dolz & Schneuwly (1998), que aconselham a consultar aos especialistas/experts para buscar categorias de análise e descrição do gênero focado, fomos a Beltrão (1980, p.19) e encontramos sua afirmação de que o jornalismo:

DIÁLOGO E INTERAÇÃO

[...] veicula, pois, três categorias específicas de opinião: a do editor, a do jornalista e a do leitor, que, juntas, irão oferecer à comunidade a manifestação corporificada do tão discutido fenômeno social da opinião pública.

Quanto ao artigo opinativo, ele nasceu e subsiste na imprensa pública e pode ser escrito tanto por jornalistas, pertencentes aos quadros da instituição noticiosa, quanto por colaboradores, escritores, professores, pesquisadores, políticos, etc.

Martins Filho (1992), da mesma forma que Beltrão, afirma que o artigo de opinião pode ser escrito tanto por jornalistas ou por profissionais de outras áreas convidadas pelo jornal ou revista, em que neste caso sempre há informações do autor no final do artigo. O autor acrescenta ainda que o artigo é sempre assinado e pode aparecer em todos os cadernos versando sobre o assunto pertinente a esse último, como: economia, política, esportes. Em revistas, ocupa, geralmente, a página toda ou parte dela, sempre delimitado por uma margem. A diagramação tende a destacar com letras maiores e, algumas vezes, com cores o título, o nome do autor e uma frase.

Rabaça e Barbosa (1978) sustentam que o artigo de opinião é visto como um texto jornalístico interpretativo mais ou menos extenso, que expõe a opinião sobre uma determinada idéia ou traça um comentário sobre um determinado assunto. Apesar de ser muito semelhante ao gênero editorial, o artigo opinativo aparece assinado e não apresenta uma receita para a questão em pauta, nem a opinião da empresa jornalística. Tal concepção demonstra que o artigo de opinião, embora seja muito semelhante ao editorial, possui algumas características que o torna diferente.

Segundo Marques de Melo (1994, p.122), “o artigo de opinião democratiza a opinião do jornalismo, tornando-o não um privilégio da instituição jornalística e de seus profissionais, mas possibilitando o seu acesso às lideranças emergentes na sociedade”. Tal concepção demonstra que o artigo de opinião é um gênero que dá voz à sociedade, já que as pessoas, diante de um fato que desperte a atenção ou provoque insatisfação, têm a possibilidade de transmitir a opinião em jornais que circulam na esfera social. Assim, para escrever um artigo opinativo é preciso tomar partido em relação à questão polêmica, o que implica tomar conhecimento sobre o que foi dito sobre o assunto, inserir a questão na história, incorporar a opinião de

DIÁLOGO E INTERAÇÃO

outras pessoas e argumentar, justificando a opinião com exemplos, opiniões de especialistas, etc.

Martín Vivaldi (apud Marques Melo, 1994, p. 117) caracteriza o artigo de opinião como “escrito de conteúdo amplo e variado, de forma diversa, na qual se interpreta, julga ou explica um fato ou uma ideia atual de especial transcendência, segundo a conveniência do articulista”. Ainda dois elementos são próprios do artigo de opinião: a) atualidade; b) opinião.

A ideia de atualidade restringe-se ao momento histórico vivido, em que colaboradores apreendem as dimensões menos efêmeras dos acontecimentos, o que acaba por diferenciar de um outro gênero, o comentário, em que jornalistas analisam os fatos em cima da sua ocorrência. Quanto à opinião, a significação maior do gênero reside no ponto de vista de que alguém expõe, nesse sentido, a avaliação deve-se apresentar claramente. Dessa forma, a opinião vincula-se à assinatura do autor, em que o leitor procura saber o que o articulista pensa, diante de um determinado fato.

Outra característica do artigo de opinião, de acordo com Bräkling (2000), é que se tenha um tema controverso que levante polêmica. Com relação a isso, o produtor do texto precisa apresentar dados consistentes que sejam capazes de convencer o interlocutor ou, no mínimo, negociar com aqueles que possuem uma opinião divergente.

Rodrigues (2005) e Lopes-Rossi (2010) comentam que os temas abordados nos artigos são polêmicos na sociedade, relevantes para o momento, ou fatos recentes que despertaram opiniões divergentes da população e que, na opinião dos editores do veículo de comunicação, interessam aos leitores daquela publicação.

O propósito comunicativo do gênero artigo de opinião pode ser também colocar em discussão um determinado assunto, mostrar um ponto de vista e provocar outras discussões. Entretanto, para fazer um bom diálogo, é essencial que o leitor tenha conhecimento sobre as características sociocomunicativas do gênero, além de ter a capacidade de perceber que um gênero pode trazer um propósito implícito, como defender interesses políticos, comerciais, etc. (LOPES-ROSSI, 2010).

O artigo de opinião, ainda, segundo Marques de Melo (1994), pode possuir duas feições quanto à finalidade: doutrinário e científico. O doutrinário seria aquele

DIÁLOGO E INTERAÇÃO

que se destina a analisar uma questão da atualidade, possibilitando ao público a oportunidade de ver ou julgar determinado fato. O artigo científico, em contrapartida, tem por finalidade em tornar público o avanço da ciência, repartindo com os leitores novos conhecimentos e novos conceitos. No caso o artigo de opinião, objeto de estudo, aproxima-se mais do tipo doutrinário.

De acordo com o autor citado anteriormente, cada modelo de artigo possui suas próprias características redacionais. Dessa forma, não há um padrão uniforme e comenta que o artigo contém os seguintes elementos: a) títulos; b) introdução; c) discussão/argumentação; d) conclusão.

Apesar de o texto não apresentar a assinatura como um outro elemento, é necessário mencionar tal item, visto que no artigo o autor deve se identificar.

Quanto a Lopes-Rossi (2010), a organização textual do artigo de opinião é a da argumentação clássica: introdução ao tema (opcional); posicionamento do autor (a tese que ele defende). O posicionamento assumido pode aparecer explícito, mas pode, às vezes, não ser apresentado de forma clara, cabendo ao leitor inferi-lo; argumentos apresentados para sustentar um ponto de vista; contra-argumentos possíveis e refutação desses (opcional); conclusão.

Assim, seja qual for a estrutura, Martín Vivaldi (apud MARQUES MELO, 2003, p. 121) diz que “o processo de elaboração passa por três momentos: invenção, disposição e elocução”. Ainda, segundo o autor,

Inventar significa tirar do mundo, da vida; do mundo dos fatos, das idéias. Implica em buscar na atualidade a motivação suficiente para justificar o encontro com os leitores [...]. Dispor significa colocar as idéias em ordem. Anotá-las, na medida em que surgem, ordená-las, quando vão crescendo. A disposição é o equilíbrio entre a inspiração e a ordem [...]. A elocução corresponde à expressão escrita das idéias já planejadas. É o momento de dar forma definitiva ao pensamento. (MARTÍN VIVALDI, apud MARQUES MELO, 2003, p. 121)

No que se refere à composição, uma das características do gênero artigo de opinião é a “heterogeneidade genérica”. Em relação a essa questão, segundo Rodrigues (2000, p. 215) “na sua configuração composicional encontram-se, muitas vezes, mais ou menos marcados, fragmentos de outros gêneros, por exemplo, relatos,

DIÁLOGO E INTERAÇÃO

que funcionam no todo do gênero como estratégias discursivas de sustentação da argumentação”.

4 A relação entre o artigo de opinião e a imprensa escrita

Com a função de colaborar com a discussão da realidade, o artigo de opinião surgiu e sobrevive na imprensa escrita. Assim, levando em conta o que foi dito, torna-se importante comentarmos um pouco mais sobre este suporte, o jornal. Para alguns estudiosos, como Marques de Melo (1994), Rabaça (1978) e Rojo (2000) o jornalismo se estrutura em função de dois núcleos: a informação e a opinião. O primeiro corresponde ao que se passa e o segundo, saber o que se pensa sobre o que se passa. Nesse sentido, temos a categorização em jornalismo informativo e jornalismo opinativo. Os gêneros relativos ao universo da informação estruturam-se a partir de um universo exterior à instituição jornalística, segundo Marques de Melo (1994, p.64), “[...] sua expressão depende diretamente da eclosão e evolução dos acontecimentos e da relação que os mediadores profissionais (jornalistas) estabelecem em relação aos protagonistas (personalidades ou organizações).”

Quanto aos gêneros opinativos, preocupação maior da pesquisa, já que o artigo de opinião entra nesta classificação, a estrutura da mensagem é determinada, no que se refere a Marques de Melo (1994), por algumas variáveis que são, por sua vez, controladas pela instituição jornalística e que possuem as seguintes feições: autoria (quem emite a opinião) e angulação (perspectiva temporal ou espacial que dá sentido à opinião).

Assim, tem-se uma classificação dos gêneros em (MARQUES MELO, 1994, p.64):

Quadro 1: Classificação dos gêneros

A) Jornalismo Informativo	B) Jornalismo Opinativo
- Nota;	- Editorial;
- Notícia;	- Comentário;
- Reportagem;	- Artigo;

- Entrevista.	- resenha;
	- coluna;
	- crônica;
	- caricatura;
	- carta.

Fonte: Marques Melo (1994)

Segundo Marques de Melo (1994), a opinião no jornalismo contemporâneo não é caracterizada como um “fenômeno monolítico”, visto que existe sempre uma diferenciação na opinião dos acontecimentos. Com base nisso, o jornalismo atual exige a participação de equipes numerosas, não havendo, portanto, a possibilidade de controlar tudo o que vai ser divulgado.

A opinião da imprensa, conforme o autor citado no parágrafo anterior, além de estar presente no editorial (seleção, destaque, titulação), aparece também na opinião do jornalista, alguém pertencente à empresa e, respectivamente, assalariado. A opinião dos colaboradores, na maioria das vezes, personalidades representativas da sociedade civil, surge também sob a forma de artigos.

O contato com os gêneros jornalísticos é extremamente relevante aos indivíduos na esfera social, nesse sentido, levar muitos desses gêneros para a sala de aula implica dar subsídios para a formação de cidadãos críticos e melhor preparados para conviver em sociedade (SAITO, 2009).

Uma questão que ainda suscita dúvida é a noção de suporte em que se dá a textualização. Para Marcuschi (2003) todo gênero tem um suporte, mas nem sempre é simples a distinção entre ambos. Nesse sentido, a ideia central é que o suporte “não é neutro e o gênero não fica indiferente a este, sendo que está por ser analisada a natureza e o alcance dessa inferência” (MARCUSCHI, 2003, p.9). De acordo, ainda, com o mesmo autor, temos a seguinte explicação quanto ao suporte:

Suporte tem a ver centralmente com a idéia de um portador do texto, mas não no sentido de um meio de transporte ou veículo, nem um suporte estático e sim como um locus no qual o texto se fixa e que tem repercussão sobre o gênero que suporta. (MARCUSCHI, 2003, p.7)

DIÁLOGO E INTERAÇÃO

Dessa forma, observa-se que a função do suporte é a de colocar em circulação os gêneros, o que comprova que há uma estreita relação entre os dois. Bonini (2005) classifica o jornal como convencionado, já que não há uma distinção nítida, ou seja, há uma sobreposição entre gênero e suporte. Além disso, do ponto de vista do mesmo autor, o jornal, por ser um gênero constituído de vários outros e por apresentar um conjunto de seções organizadas, de modo mais ou menos característico, é considerado como um hiper-gênero.

Com base no que foi exposto, diante de tal questão, constatamos que há grande dificuldade em explicar tal fenômeno, já que de acordo com Bonini, no jornal, as noções de gênero e veículo se sobrepõem mutuamente. Com base nesta ideia, se o gênero é visto como um veículo, infere-se que suas partes também o sejam, já que o leitor tem o poder de decidir em ler uma seção ou outra. Quanto a essa questão, a polêmica instala-se também em relação à noção de que se determinada seção é vista como veículo, o gênero presente no jornal também o é.

Entretanto, a discussão abrange também outro lado, já que, de acordo com o autor, se “os gêneros são materiais sígnicos compartilhados entre a comunidade e tendo o jornal a mesma propriedade cultural do gênero”, ele seria também um tipo de gênero e não, propriamente, um veículo, entrando, de certa forma, no que foi citado anteriormente neste trabalho, de que o jornal pode ser visto como um gênero construído a partir do encaixe de outros, um “hiper-gênero”.

Sintetizando, o que se percebe, enfim, embora bastante importante para o estudo dos gêneros, é que a questão do suporte ainda suscita algumas dúvidas, já que pouco se tem considerado sobre esta questão no debate acadêmico. De qualquer forma, nesta dissertação, em conformidade com os ISD, assumimos a importância da reflexão sobre as condições de produção que “condicionam” a produção de um texto (externas, ou seja, extralinguísticas e internas, ou intralinguísticas). Dentre os vários elementos que constituem as condições de produção, como já salientamos, destacamos o contexto sócio-histórico mais amplo, o contexto linguageiro imediato, o intertexto, a situação de produção, a atividade coletiva à qual se articula e, finalmente, o suporte. Defendemos que a análise e descrição de um “modelo social” de linguagem - para constituir um modelo didático -, não pode prescindir da reflexão sobre as

DIÁLOGO E INTERAÇÃO

características do suporte. Assim é que o tópico a seguir trata do suporte dos artigos de opinião focalizados na sequência didática.

5 O suporte dos artigos de opinião: atividade midiática do Jornal Folha de Londrina

Nesta pesquisa, fizemos uso de artigos opinativos da Folha de Londrina. A mudança ocorreu por tratar-se de um jornal que circula em Londrina, cidade onde os alunos pesquisados residem, e por ser um jornal que sempre está presente nas escolas, o que torna mais fácil o acesso a este veículo tanto por professores como por alunos.

O jornal Folha de Londrina foi fundado em 13 de novembro 1948, por João Milanez. A princípio o semanário da Folha de Londrina continha apenas quatro páginas, mas com o tempo, após a aquisição de uma rotativa plana, o jornal tornou-se diário.

No final da década de 1980, a Folha de Londrina circulava em mais de 500 localidades. A tiragem girava em torno de 45 mil exemplares durante a semana e até 60 mil nos domingos. Nessa época, a empresa comprou três emissoras de rádio em Londrina e instalou uma TV, chamada Tarobá, na cidade de Cascavel, região Oeste do Paraná.

Na década de 1990, a Folha passou por uma crise, devido à má administração dos sobrinhos de Milanez. O trabalho era baseado em permuta com demais empresas, o que baixava a lucratividade. Apesar de se manter na administração da Folha de Londrina até 2002, Milanez passou o poder para a mão dos sobrinhos e, em 1992, procurou ajuda do Senador José Eduardo de Andrade Vieira, que aceitou a proposta de ser sócio minoritário.

A partir de 2002, o jornal passa a ter mais estabilidade econômica e administrativa. Ao invés de quatro edições diárias, a Folha de Londrina passa a contar como uma edição diária apenas. E procurou manter as edições mais voltadas para a população de Londrina.

O jornal apresenta, atualmente, a média de 58 páginas durante a semana e de 76 páginas nos finais de semana. Nas edições diárias, o leitor encontra sessões de “Política”; “Geral”, “Mundo”, “Esportes”, “Folha 2”, “Cidades”, “Especial”, “Indicadores”, “Folha Curitiba”, “Índice” e “Últimas”. Além disso, temos o espaço “Opinião da Folha”, onde encontramos gêneros do argumentar, como o artigo de opinião, que serviu como corpus de análise nesta dissertação.

Na figura que segue, é possível visualizar como se encontra a silhueta do jornal atualmente:



Figura 1: Silhueta do jornal Folha de Londrina

A cobertura do jornal é profissionalizada e abrange vários assuntos, que vão desde o cotidiano até a política internacional. O público da Folha de Londrina é considerado qualificado, a maioria pertence às classes A/B e possui curso superior completo ou incompleto. A faixa etária vai dos 35 aos 54 anos, com predominância do público masculino.

A Folha de Londrina também possui um portal na internet, conhecido como Bonde. O portal, além de disponibilizar notícias do jornal, possibilita o acesso a diversos canais, com grande variedade de assuntos.

DIÁLOGO E INTERAÇÃO

6 O Contexto de Produção: as representações necessárias para a construção de um artigo opinativo

Na perspectiva do ISD, o contexto de produção vem a ser um conjunto de parâmetros que exercem influência sobre a forma como um texto é organizado. Tomando como referência os mundos representados pela linguagem de Habermas (1987) – mundo físico; mundo social e mundo subjetivo, Bronckart (2003) reagrupa os mundos discursivos em dois conjuntos: a) mundo físico e b) mundo sócio-subjetivo.

Nesta pesquisa, em que construímos um modelo didático, com base em Bronckart (2003), tomamos como corpus de análise seis artigos opinativos da Folha de Londrina, anexo A. Nosso propósito foi observar o contexto de produção, que exerce um papel de destaque nas tomadas de decisão sobre a organização do texto, já que permite ao indivíduo ter conhecimento sobre a situação de comunicação em que ele se insere.

Quadro 2: O contexto de produção dos artigos de opinião analisados

O CONTEXTO FÍSICO	O lugar físico da produção	Pode ter sido escrito tanto no escritório do produtor do texto, quanto em casa ou no trabalho.
	O momento da produção	O momento de produção é anterior à publicação. É sempre realizado fazendo uso de um tema polêmico que suscita debate na sociedade.
	O emissor	O nome do agente produtor sempre aparece no artigo de opinião, refere-se a colaboradores - escritor, professor, pesquisador, político, profissional liberal, etc., convidado a escrever sobre um assunto da sua competência.
	O receptor	Trata-se, primeiramente, dos jornalistas que

DIÁLOGO E INTERAÇÃO

		trabalham na redação e faz a edição do texto e, depois, os leitores físicos que leem os artigos nos jornais. Acredita-se que os leitores possuem um bom nível escolar, dado que são textos que apresentam um nível de dificuldade maior para um leitor menos proficiente, uma vez que são discutidos temas polêmicos, em que o autor defende uma tese, por intermédio de uma complexa rede de argumentos.
O CONTEXTO SÓCIO-SUBJETIVO	O lugar social	Esfera de comunicação jornalística. A mídia impressa é o lugar social em que o texto se insere. Ele circula em lugares públicos.
	Os objetivos da interação	É uma ferramenta que auxilia na formação da opinião pública, pois propaga princípios e idéias em relação ao tema.
	O enunciador	O autor empírico desse gênero pode ser um jornalista ou um convidado do jornal: político, professor, médico, etc. São indivíduos pertencentes ao quadro da sociedade, pessoas que se posicionam frente aos fatos e que estão por dentro dos acontecimentos atuais.
	O destinatário	São leitores que possuem uma alta escolaridade, bom nível sócio-econômico e que

DIÁLOGO E INTERAÇÃO

		se interessam pela discussão de assuntos que suscitam polêmica.
	Conteúdo temático	Temas sociais polêmicos.
	Suporte	Jornal Folha de Londrina – Espaço Opinião da Folha

Nesse conjunto de aspectos da situação de produção, o agente produtor do artigo opinativo estabelece uma base de orientação, em que um conjunto de decisões são tomadas para a textualização. Tais decisões possuem uma estreita relação com as operações de linguagem que acabam por implicar em operações acionais para a contextualização, operações discursivas e operações linguístico-discursivas, que compreendem, respectivamente, as capacidades de ação, capacidades discursivas e linguístico-discursivas. (DOLZ; PASQUIER; BRONCKART, 1993).

Com isso, queremos mostrar que as operações de contextualização incidem sobre os parâmetros contextuais da atividade de linguagem que servem como base de orientação para a escolha do modelo de artigo de opinião que o autor considera pertinente à determinada situação.

7 Considerações finais

Diante do que apresentamos, reforçamos a necessidade do professor se familiarizar e com os saberes a ensinar e a teoria que fundamenta esses saberes antes do trabalho com a sequência didática em sala de aula, pois só assim as aulas poderão ter sentido.

Dessa forma, ter conhecimento mais elaborado sobre o objeto de ensino, apontado pelo modelo didático do gênero, se fez extremamente necessário, dado que serve como um momento de pré-intervenção didática no trabalho com gênero. O processo de modelização do gênero artigo de opinião pode servir como uma ferramenta de planejamento do trabalho didático, proporcionando a ampliação dos saberes didáticos específicos sobre o objeto de ensino e uma conscientização metodológica de como planejar e elaborar a transposição didática desse saber. Etapa

DIÁLOGO E INTERAÇÃO

crucial para o trabalho docente a ser realizado, quando analisamos e descrevemos qualitativamente nosso objeto, a partir do empréstimo do gênero artigo de opinião da Folha de Londrina.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1992.

BELTRÃO, Luiz. *Jornalismo Opinativo*. Porto Alegre: Sulina, ARI, 1980.

BONINI, Adair. A noção de sequência textual na análise pragmática-textual de Jean-Michel Adam. In: MEURER, J.L; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Desirée (orgs). *Gêneros, teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola, 2005.

BRÄKLING, Kátia Lomba. Trabalhando com o artigo de opinião: re-visitando o eu no exercício da (re) significação da palavra do outro. In: ROJO, R. org. *A prática da linguagem na sala de aula: praticando os PCNs*. Campinas: Mercado de Letras, 2000.

BRONCKART, Jean-Paul. *Atividade de linguagem, texto e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo*. Trad. De Anna Raquel Machado, Péricles Cunha. São Paulo: EDUC, 2003.

DOLZ, Joaquim; PASQUIER, A.; BRONCKART, Jean.-Paul. L'acquisition des discours: émergence d'une compétence ou apprentissage de capacités langagières? *Études de Linguistique Appliquée*, nº 92, 1993.

_____; SCHNEUWLY, Bernard. Gêneros e progressão em expressão oral e escrita: elementos para reflexões sobre uma experiência suíça (francófona). In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. *Gêneros orais e escritos na escola*. Tradução de Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2004.

_____; SCHNEUWLY, Bernard. *As capacidades orais dos alunos*. Paris: ESF, 1998.

GIMENEZ, Telma. *Caminhos e descaminhos: a pesquisa na formação do professor de língua estrangeira*. The Specialist, São Paulo, 1998.

HABERMAS, Jurgen. *Théorie de l'agir communicationnel*. Paris: Fayard, 1987.

LOPES-ROSSI, Maria Aparecida Garcia. *Procedimentos para a leitura de editorial e artigo de opinião*. Taubaté: Universidade de Taubaté, 2010.

MACHADO, Anna Rachel; CRISTÓVÃO, Vera Lúcia Lopes. *A construção de modelos didáticos de gêneros: aportes e questionamentos para o ensino de gêneros*. São Paulo, 2006.

MARTINS FILHO, Eduardo Lopes. *Manual de redação e estilo*. O Estado de São Paulo. São Paulo, Maltese, 1992.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos dos Santos, (orgs.). *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

MELO, José Marques de. *A opinião do jornalismo brasileiro*. Revista Petrópolis, Vozes, 1994.

NASCIMENTO, Elvira Lopes. A dupla semiotização dos objetos de ensino - aprendizagem: dos gestos didáticos fundadores aos gestos didáticos específicos. *Signum: Estudos da Linguagem*. Centro de Letras e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Londrina, 2011.

RABAÇA, Carlos Alberto e BARBOSA, Gustavo. *Dicionário da comunicação*. Rio de Janeiro: Codreci, 1978.

RABARDEL, Pierre. *Les hommes et les technologies: approche cognitive des instruments contemporains*. Paris: Armand Colin, 1995.

RODRIGUES, Rosângela. H. O artigo jornalístico e o ensino de produção escrita. In: ROJO, R.(org.). *A prática de linguagem em sala de aula: praticando os PCNs. Coleção As faces da Linguística Aplicada*. São Paulo: EDUC / Campinas, SP: Mercado de Letras, 2000.

_____. Os gêneros do discurso da perspectiva dialógica da linguagem: a abordagem de Bakhtin. In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (Org.). *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola, 2005.

SAITO, Cláudia L. Nascimento. Telejornal: um gênero para o letramento midiático. In: NASCIMENTO, Elvira Lopes (org.). *Gêneros textuais: da didática das línguas aos objetos de ensino*. São Carlos: Claraluz, 2009.

SCHNEUWLY, Bernard. *De l'utilité de la transposition didactique*. In: *Didactique du français: fondements d'une discipline*. Bruxelles: De Boeck e Larcier, 2005.

Recebido em: 30/10/2018.

Aprovado em: 10/12/2019.

DIÁLOGO E INTERAÇÃO